PERMUTA

RESENHA MUSICAL

Rua Cons.º Crispiniano, 79 8.º andar

S. PAULO

Desejamos estabelecer permuta com as revistas similares.
Ni deziras starigi intershanghon kun similaj revuol.
Deseamos establecer el cambio con las revistas similares.
Desideriamo scambiare la nostra rivista con le sue congeneri.
Nous désirons établir l'échange avec les revues similaires.
We wish to establish exchange with similar reviews.
Austausch mit aehnlichen Berufszeitschriften erbeten.

O Melhor Presente para as Festas!

A SAIR, BREVEMENTE

Canções Populares Russas

Escolhidas e harmonizadas por A. KAUFMANN

Album inteiramente ilustrado em côres

Edições I. M. L. São Paulo

O que a pobreza impediu a Schubert

Franz Schubert, o famoso músico vienense que compôs inolvidaveis canções, viveu acorrentado pela mais implacavel pobreza, a-pesar-de haver trabalhado incansavelmente. Essa estremada pobreza, que às vezes chegava à miséria, impediu que o artista realizasse o que sempre foi o seu sônho incansavel: formar um lar.

O que para muita gente sem valor de nenhuma classe foi possivel, para o grande infortunado que foi Schubert resultou de todo impossivel. A mulher que adorava e a que havia desejado converter na musa de carne e osso de seus "lieder" cansada de esperá-lo baldiamente, se casou com um homem prosaico que possivelmente não a compreendia, porque possuia o dinheiro que ao músico faltava.

Duas paixões predominantes teve o músico famoso: crear música cada vez mais bela e render culto a amizade. Para ele a amizade era sagrada. Sempre gostava de rodear-se de poetas, escritores músicos e pintores. As "schubertadas" eram reuniões em que se cantava, se recitava, se bailava e se bebia a cada momento. Schubert era feliz em meio de pessoas que tinham afinidade com seu temperamento. Para dar-se a esse prazer repartia com seus amigos o que ganhava, que, não era muito, compondo seus "lieder", desdenhados a miúdo pelos editores.

Não chegava a sua casa um artista premido pela necessidade, sem que Schubert desejasse socorrer. E não foram poucas as vezes em que para ajudar a um amigo, ele, em vez de ceiar, bebia uma taça de café e comia um biscoito...

Confiava o grande artista que um dia seus méritos seriam reconhecidos, como mereciam, e, então, adeus!, pobreza! O bem-estar entraria pela porta de sua casa para não abndoná-la nunca mais. Porque sua má estrela não o quiz assim!...

Que foi que houve entre a Condessa de Estherazy e Schubert? Ela era filha de um magnata húngaro. Em sua casa, durante o verão de 1818, se hospedou o autor de tantas celebradas melodias. Durante essa temporada foi confiada ao músico a educação musical da jovem aristocrata, que na ocasião contava só onze anos.

Claro que não foi então quando Schubert se enamorou da condessita, que era uma menina, senão seis anos mais tarde, durante uma segunda estadia na Hungria. Certo dia, com "coqueterie" se lamentava ela de que seu maestro não a havia honrado dedicando-lhe uma de suas composições.

— Não o é necessário — senhorinha —

replicou o músico, porque o que componho está dedicado a sua pessoa.

Porque a condessa de Estherazy, havia de unir seu destino ao daquele boêmio? Ela estava muito alto, e ele pobre Schubert, preso na rêdeas da pobreza irremediavel.

Grove, o musicógrafo inglês, supõe, não obstante, que a única paixão de Schubert, o grande amor de sua existência, foi o que sentiu por Tereza Grob. Em casa desta mulher o célebre músico, sendo um adolescente, deu a conhecer suas primeiras canções.

Tereza Grob, se mdúvida alguma, se enamorou de Schubert. Era uma notavel cantora e interpretava com comunicativa emoção os "lieder" do artista vienense. Ele era seu amigo e maestro, porque outro sentimento mais profundo havia entre ambos: o amor.

Mas o tempo transcorria e os sonhos nupcias de Teresa Grob e de Schubert se desvaneciam. Como o amava deveras, a cantora esperou um ano e outro, mas a cruel pobreza do músico conspirava contra a sorte dos namorados. Por mais que trabalhasse, não lograva levantar a cabeça. Cada dia era mais miseravel sua condição, até que Teresa Grob, vendo que sua juventude caminhava em uma vã espera, se casou com um rico comerciante e, parece se esqueceu de Schubert para sempre.

A partir de então se agravou o carater do grande músico. Só achava na arte o lenitivo para suas penas.

"Minhas composições — escreveu em seu "Diário" quatro anos antes de sua morte — são filhas de minha inteligência e de minha dôr, e é aquí que elas parecem deleitar as pessoas que só engendraram minha dor".

E sua augusta aparece mais lacinante nas linhas que dirigiu ao seu amigo Kupelwieser desde o hospital: "Imagina um homem que perdeu a saude para sempre e cujas mais brilhantes esperanças se hão desvanecido; um homem a quem o amor e a amisade não deram sinão grandes penas; num artista que vê extinguir-se o entusiasmo e o sentimento do belo. Meu coração está angustiado. Fugiu de mim a paz do espírito. Jamais voltarei a desfrutar desse supremo bem!"

Um verdadeiro calvário foram os últimos anos de Schubert. Amargurado por seu fracasso sentimental, incompreendido pelos editores e seus contemporaneos, assediado pela miséria mais inoculta, morre por menos abandonado, dois dias depois de haver vendido seus últimos seis "lieder".

Não é trágica a desaparição deste músico genial nessas horriveis circunstancias, depois de haver legado a posteridade entre sinfonias, oitetos, quintetos, quartetos, trios, sonatas, impromptus, missas e "lieder" nada menos que umas oitocentas obras notaveis e depois de haver sido o creador do "lieder" dramatico?

Lamentavel destino do grande compositor vienense, que arrastou como uma maldição sua miséria, e que sendo desde menino prisioneiro dela, logrou deixar um nome luminoso na história da música. Seus encantadores "lieder" não se olvidarão nunca porque estão feitos com essência da imortalidade.

A. M.

O
BRINDE
está na
Qualidade
Café
PALMEIRAS
EXTRA
FINO
CAFÉ PALMEIRAS
EXTRA FINO

PEDIMOS AOS NOSSOS PREZADOS ASSINANTES A FINEZA DE NOS AVISAR SEMPRE QUE HOUVER MUDANÇA DE ENDEREÇO, EVITANDO EXTRAVIOS NA REMÉSSA DA NOSSA REVISTA.

Aos Leitores

RESENHA MUSICAL é a revista musical de maior divulgação no Brasil e no exterior.

Registrada de acôrdo com a lei e no D.I.P.

Uma assinatura anual de RESENHA MUSICAL custa apenas .... 20$000
Número avulso .... 3$000
Suplemento avulso ...... 3$000

Fundada em Setembro de 1938.

RESENHA MUSICAL não publicará notícias de concertos, audições ou de festivais artísticos, quando não receber dos promotores ou interessados, convite ou comunicado, dirigido diretamente à Redação ou por intermédio de seus correspondentes.

RESENHA MUSICAL não se responsabiliza pelos conceitos emitidos nas crônicas assinadas.

Colaboração nacional e estrangeira, escolhida e solicitada.

RESENHA MUSICAL não devolve originais. Suplemento Musical, especial

RESENHA MUSICAL não fornecerá gratuitamente aos assinantes, números atrazados, extraviados ou anteriores à data da assinatura.

Correspondentes em quasi todas as cidades do Brasil. Aceitamos representantes em qualquer cidade do país ou estrangeiro.

ANUNCIOS: FONE 5-4630.

Redação: Rua Cons.º Crispiniano, 79, 8.º andar — S. PAULO.

A música através dos séculos

N. da R. — Esta a 1.ª palestra lida em 24 do corrente, pelo sr. prof. Clovis de Oliveira, no recente programa "A MÚSICA ATRAVÉS DOS SÉCULOS", da Rádio Piratininga, PRH-3, de São Paulo.

Prof. Clovis de Oliveira

A Música dos séculos!...

A Música através dos séculos!

Eis o que visamos ao iniciar este curto ciclo de obras — algumas olvidadas tanto quanto seus autores, outras tão vivas tanto quanto, em nossa lembrança, as figuras de seus compositores.

Fenômeno natural do tempo. Diversidade lógica entre dois tempos distanciados por largo espaço. Nesse espaço onde viveram, tambem, grandes mestres que foram como outros, timoneiros de falanges de novos rebentos cuja missão levaram a efeito contribuindo com a invejavel pujança de seus gênios, para a notavel ascendência da arte musical expoentificada pelos nomes gloriosos e imortais de Mozart, Beethoven, Bach, Schumann, Liszt, Chopin, Wagner, Debussy, Ravel, Nepomuceno, Carlos Gomes, Stravinsky, Respighi, e outros de valor incomensuravel cujos imortalizaram-se para a glória da arte musical, sublime em pureza, divina pelos influxos de bemaventurança.

(Rambaut de Vaqueiras-Kalenda Maya, canto pela Sra. Francisca Azevedo Cotrim).

Estes sons musicais, esmerada e primorosamente tratados, que ainda estão ecoando em nossos ouvidos, transportaram-nos, pela voz suave e delicada de D. Francisca Azevedo Cotrim, a par de uma interpretação sobreexcelente, para um século tão longínquo deste extremo em que vivemos que parece-nos lendária a existência de sua vida.

Lendária, sim, porque foram as lendas que trouxeram-nos muito da história desse século, do século XIII, assim como dos que o antecederam e dos que o sucederam.

A própria História é um complexo de verdades toldadas pela gaze fina e envolvente de lendários acontecimentos, de lendários romances, de arquiteturas cerebrinas, resultando o embelezamento dos seus seus fastos, o embelezamento da vida vivida nos séculos que passaram.

Dentro da doce poesia dos séculos, aromatizada pelo perfume do romantismo da Idade Média, os trovadores do século XIII, corroboraram o motivo porque as artes são elementos de vida, justificando como a vida inspira as artes. Os trovadores cantaram, como os rapsodos gregos, a vida romanesca, a vida religiosa, a vida social, a vida política, a vida heroica, a vida de então. **Adam de la Hale,** autor da mimosa página musical que ouviremos a seguir, foi uma das principais figuras desta época. Os trovadores foram propagadores da melhor música e da melhor poesia da antologia artística desses cem anos remotos da humanidade, porque eram intelectualmente bem dotados.

Sobre o manto de veludo encarnado desse século de rimas floridas, coloquemos este "lied" de **Adam de la Hale,** verdadeira e micante jóia, requintada de beleza, cujos reflexos sonoros resplandecem pelos séculos afóra!...

(Adam de la Hale — Trouvère, canto, pela Sra. Francisca Azevedo Cotrim).

... E o tempo passa...

E a **chanson** é cantada. A **balada** é uma música de estirpe. O **rondó** é divertimento de uma e de várias gerações. O **alaúde** é o instrumento exquisito de som original e mágico que todos dedilham e que a todos encanta. E uma pleiade de grandes artistas dá origem à famosa **Escola Neerlandesa**. Brilham fulgurantemente **Guillaume Dufay, Jean de Ockeghem, Josquin Després, Machaut, Landino, Binchois.** Representando dois séculos de evolução musical, alguns desses nomes aureolados de glória, vão ser agora recordados na voz bonita de D. Francisca de Azevedo Cotrim, cantando **Machaut** e **Landino**, do século XIV, **Guillaume Dufay** e **Binchois**, do século XV.

(G. Machaut — Chanson balladée; Francisco Landino — Angélica Belta; G. Dufay — Le jour 's'endort; G. Binchois — Rondó — canto pela Sra. Francisca Azevedo Cotrim).

E com estas baladas ou canções, com estas melodias suaves de uma época histórica que antecedeu às Cruzadas, donde o surgimento do místico e imaginoso **alaúde** na Europa, vindo das plagas orientais, o encanto da música aliado ao encanto da vida pelos belos sentimentos e pela fecunda imaginação do homem, a Música progrediu dentro dos ditames do possivel até um ponto que de humano só pode encontrar similar na **Renascença** e no **Romantismo** do século XIX. Entre o lirismo musical dos séculos XIV e XV, da **Renascença** e o **Romantismo** do século XIX, a diferença é determinada pela idade e consequentemente pelo meio material e ambiente, evoluidos, pelos quais se manifestaram, ao passo que o espírito que as concebeu é o mesmo espírito humano que se debate por um aperfeiçoamento através os séculos, produzindo o inconcebivel, realizando o irrealizavel, aniquilando o impossivel.

É o evoluir da mentalidade humana num progresso transcendente e excelso, que só se explica pelo estudo percuciente dos fatores que o concretizam e das razões pelas quais esse adiantamento é admissivel — alimentado pela afabilidade do coração sempre bondoso — bem provam as filigranas musicais dos séc. XIII, XIV e XV, que acabamos de ouvir — que os homens estancados num mesmo prisma de absurda incompreensão perventem-no, transmudando-o para um plano de absorvente inferioridade, degradando a própria vida, esse maravilhoso hálo de esperança, dessa esperança radiosa que Deus ofertou-lhes dadivosamente, como azo para efetivar algo de frutífero e nobre sobre a terra, tornando-se dignos de sua benção, plena de música e e de espiritualidade!

NATUREZA E ARTE

A obra de arte é uma criação da fantasia — Fantasia abstrata e concreta — Estilo — A côr e a totalidade como fundamentos do estilo

Prof. B. Lazar

Sob a denominação de "impressionismo" compreendemos simplesmente uma tendência pitórica e nada mais. Certamente que o sentido da palavra impressionismo se estendem consideravelmente desde 1874, quando o título "Impressão" de um dos quadros de Monet foi empregado para designar um conjunto de aspirações pictóricas. Mais tarde essa designação se aplicou a uma concepção especial da vida, a um certo ideal de cultura, a determinadas convicções políticas, religiosas e filosóficas, e assim se denominaram as mais diversas manifestações do conceito, não só nas artes plásticas mas tambem na literatura, na música e, em suma em todos os matizes da cultura social. Logo a tendência a sistematizar deu lugar a uma extraordiária generalização do conceito, até o ponto de que a idéia chegou a perder sua significação primitiva. Para compreendê-la queremos limitar nosso exame a um setor limitado, apreciando como se manifesta na pintura, como se limita e como se efetua sua evolução. Em nosso estudo veremos quais foram as circunstâncias que deram vida a essa tendência pictórica e constataremos que foi imposta pelo estado vigente daquela época. Por outro lado apreciaremos que se o impressionismo chegou a alcançar a elevada significação que hoje tem, o deve ao prestígio pessoal dos seus grandes mestres e à vitalidade que suas obras encerram. Prescindiremos contudo de fazer uma generalização das conclusões que de nosso estudo se depreendam. O impressionismo nos interessa e nos ocupa simplesmente como uma manifestação da vida artística.

Para começar daremos alguns esclarecimentos acerca do quadro "Impressão", de Monet, tantas vêzes citado. Esta tela é uma composição cromática pintada em Londres em 1872. O sol se eleva sôbre as casas da margem; sua lùz treme em linhas zigzagueantes no espelho das águas do Rio. Por cima das casas e da água se estende um ar azul em que surgem como luminosas manchas, as silhuetas dos campanários e dos barcos que cruzam o rio. O quadro representa a pugna entre a névoa e a luz do sol, entre os valores cromáticos do céu e da água, assim como a compenetração e a mútua influência de suas cores. Os matizes se fundem, as formas se fazem insensiveis. O pintor toma como ponto de partida um efeito real: a observação das relações que existem entre as massas de cor e o ambiente inundado por elas. Tais são os seus motivos.

O profano não costuma saber de nenhum dos fenômenos indicados que esta composição lhe oferece, porque em sua maneira de apreciar a realidade habituou-se a considerar a cor não como um elemento autônomo e sim como um meio para reconhecer as coisas. Assim se compreende que estes efeitos cromáticos combinados exerçam nele, no primeiro momento uma influência perturbadora. Pelo contrário a

situação do artista diante da Natureza é completamente diferente. O pintor não vê o mundo com os olhos práticos do comum das gentes, mas, afastando-se da realidade, considera as formas em que se manifestam os fenômenos visiveis: cores, linhas, matizes, transições de luz, elementos autônomos, objetos próprios da sua arte de tal modo que inclusive as coisas do mundo externo, as montanhas, os prados, as árvores, a água, o céu, são para ele fenômenos luminosos e cromáticos.

O pintor procura a secreta articulação que existe entre estes elementos, suas variações sempre novas, para criar com elas uma nova obra de arte: e não se satisfaz enquanto não encontrou os meios de expressar esta nova manifestação da beleza artística. Esta nova revelação do belo que ele encontra na Natureza suscita no artista sensações que constituem o ponto de partida da sua criação. Nele se produzem visões fantásticas, imagens que se elaboram em seu espirito, que se transformam debaixo da influência de suas observações diante da Natureza e que, finalmente, chegam a se converter em manifestações pessoais. Até mesmo aqueles pintores que se dedicam à profunda contemplação da Natureza e que, na aparência, se limitam a copiar o quadro que a Natureza lhes oferece, pintam apenas quadros criados pela sua fantasia, visões que como artistas observaram com seus olhos internos, fitando a Natureza. Na realidade o quadro é criado pelas sensações do pintor, alimentado pelas suas recordações e elaborado pela sua fantasia.

Cabocla Bonita e Capim na Lagôa

Prof. ARTUR PEREIRA

(Suplementos VII e VIII, de RESENHA MUSICAL)

Com o intúito de esclarecer dados a respeito destas melodias que harmonizei colhidas da obra "Ensáio sobre a música brasileira", de Mário de Andrade, e cuja publicação foi feita pela estupenda revista RESENHA MUSICAL, de São Paulo, é que, ao sair neste número a segunda delas, denominada "Capim na Lagôa", aproveitei o ensejo para traçar esta croniqueta:

CABOCLA BONITA

Toada do Amazonas. De acôrdo com o coligidor completei o texto poético com quadras extraídas do livro de Sílvio Romero "Cantos Populares do Brasil", conservando necessariamente o refrão obcecado "Ô cabocla bonita!"

As quadras inscritas neste texto poderão ser acrescidas ou substituidas pelas que seguem:

"Tico-tico no terreiro,
quando chove, não se mólha,
onde há moça solteira
— Ô cabocla bonita! —
p'ras casadas não se ólha.

Romero atribui esta quadra ao populário gaucho, segundo a indicação que se lê no seu livro. Afonso de Freitas enumera como de tradição paulista a seguinte quadra:

"Tico-tico no terreiro
quando chove não se mólha,
onde tem moça bonita
para as fêia não se ólha.

Romero dá na mesma tecla:

"Laranjeira ao pé da porta,
na cama me vai o cheiro,
tanta mocinha bonita
para mim que sou solteiro."

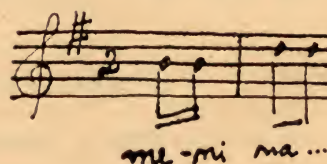
"Quando chove não se mólha,
onde há moça solteira
— Ô cabocla bonita! —
p'ras casadas não se ólha...

Laranjeira ao pé da porta,
na cama me vai o cheiro,
tanta mocinha bonita
— Ô cabocla bonita! —
para mim que sou solteiro.

Fui soldado, sentei praça
no regimento do amor;
como sentei por meu gosto
— Ô cabocla bonita! —
não posso ser dissertor!"

CAPIM NA LAGÔA

Este primor vocal foi colhido na Paraíba. Não obstante, pessoa que nunca saiu de Pernambuco senão para vir a São Paulo me afirmou de viva voz que tambem o ouviu em Pernambuco. A informação não me veio como reforço, porisso registo-a para constar apenas.

Deve ser cantado com absoluta naturalidade para conservar bem pura a linha melôdica. Faço aquí insistência na entrada:

O tempo forte é onde está marcado.

CONCERTOS

Prof. Clovis de Oliveira

SEGUNDO FESTIVAL DE MÚSICA SACRA

Talvez não se enquadre bem nestas colunas um comentário, mesmo ligeiro, sobre o Festival de Música Sacra, levado a efeito, em 9 de Novembro, na Igreja Metodista Central ,sob a direção artística do prof. Alberto W. Ream.

Mas, sob o ponto de vista artístico musical, ele merece especial referência, porque não só a estrutura do programa mas, principalmente, a execução esteve acima de uma apresentação comum. Devemos notar, neste particular, a diferença que existe entre apresentar um programa inédito ou original, e um bem executado. Nós damos mais valôr, é mais do que certo, ao programa melhor executado e isto explica-se porque nada nos vale uma execução literalmente falha, cheia de erros e lamentavelmente inconcebida, apenas, inédito.

Óra, opinamos que a boa execução, mesmo que se circunscreva a obras já um tanto conhecidas, é preferivel do que ouvir obras muitas das vezes quasi que irreconheciveis pelo autor, se ele tivesse a desdita de estar presente. O ineditismo, quando praticado sem o devido escrúpulo, perde a razão de ser.

Voltemos, enfim, ao Festival. O côro, composto de 120 vozes, apresentou-se coeso, numa unidade absoluta, perfeitamente maleavel, produzindo nuances dificeis, numa elasticidade refinada. O prof. Ream, conseguiu com ingentes esforços, apresentar um conjunto de vozes que no seu gênero ocupa lugar proeminente em nossa vida musical.

ANA STELA SCHICK

Quantas vezes uma jovem artista, apenas no limiar de um brilhante futuro, nos pode proporcionar momentos da mais alta musicalidade. Quantas vezes!

Estas palavras como um julgamento, ecoaram em meus ouvidos após a execução daquele lindo Concerto em Dó, de Beethoven, executado magnificamente pela pianista Ana Stela Schick, no sarau promovido pelo Departamento Municipal de Cultura, a 28 de Outubro passado, tendo regido o M.º Camargo Guarnieri.

Ana Stela Schik é uma jovem pianista que dentro de algum tempo ainda, irá colher as palmas merecidas para a sua arte, dado o seu temperamento musical admiravel e sua técnica bem acabada. A interpretação do Concerto de Beethoven, foi felicíssima. Uma das razões pela qual a jovem artista pode assimilar com tanta precisão o pensamento beethoviniano, foi a sua idade tão pouca quanto era a de Beethoven ao rabiscar e compôr, finalmente, esse notavel Concerto. Aquela dialoga-

ção toda, entre orquestra e solista, nada mais do que uma conversa expansiva e apaixonada de um coração, que, arrebatado, amou largamente, traduzindo seus anseios, óra serenamente, óra com grandiloquência.

O público numeroso, exigiu extras da talentosa artista, à qual prodigalizou justificados aplausos.

SOCIEDADE BACH

A Sociedade Bach de São Paulo, prosseguiu neste mês em sua louvavel iniciativa de divulgar as obras de J. S. Bach, realizando a 13, no Clube Piratininga, mais um dos seus importantes concertos.

Tomou parte nesta realização o conhecido Quartetto Haydn, composto pelos ilustres artistas Gino Alfonsi, Anselmo Zlatopolsky, Amadeu Barbi e Calixto Corazza. O concurso do Quartetto Hayn deu grande importância a este sarau, dada a compreensão excelentemente artística a que atingiram os seus componentes numa homogeneidade sonora absoluta. Assim, com esse critério, ouvimos: Quartetto em lá maior, de P.E. Bach, e obras de J. S. Bach.

Participou, ainda, do programa, a contralto Hertha Beinhauer, de bela voz e feliz interpretação.

Encerrou o concerto o grupo vocal da Sociedade, sob a direção do M.º Braunwieser, que denotou muita plasticidade.

RICARDO ODNOPOSOFF NA S. CULTURA ARTÍSTICA

O conhecido violinista Ricardo Odnoposoff, após a brilhante série de recitais dedicados às Sonatas para violino e piano, de Beethoven, que coadjuvado pelo eminente pianista patrício Souza Lima, dedicou aos sócios da S. Cultura Artística, realizou mais um grande concerto, acompanhado ao piano pelo excelente artista Fritz Jank, ainda, promovido pela S. Cultura Artística.

O Teatro Municipal nessa noite acolheu uma numerosíssima assistência ávida por ouvir mais uma vez as execuções desse festejado "virtuose". Odnoposoff possui dentre outras admiraveis qualidades de artista, uma execução refletida e uma técnica apuradíssima. Não só executa os trechos mais difíceis como completa-os com segurança rítmica e um nuançar perfeito.

Odnoposoff executou, ainda, muitos extras, sempre ovacionado com entusiasmo e interesse pelo numeroso público.

MIECIO HORZOWSKY

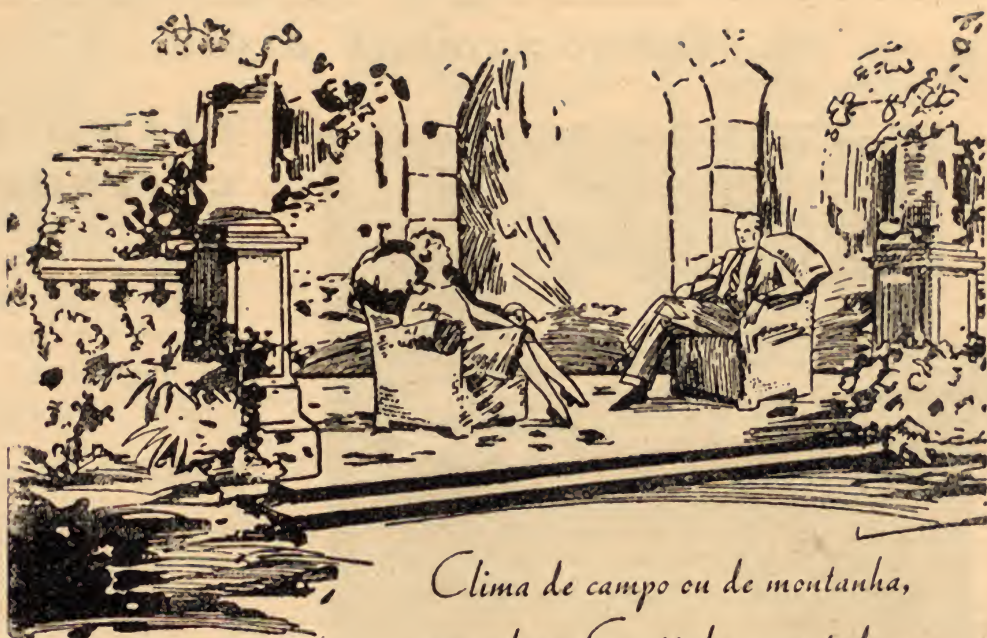
Este notavel pianista que São Paulo de longa data admira, apresentou-se duas vezes neste mês, por meio do Departamento Municipal de Cultura. Na primeira participou com orquestra sob a regência do ilustre M.º Torquato Amore, e, na segunda, em concerto seu, exclusivamente seu, tanto pelo programa como pelo domínio que exerceu sobre o numeroso público que acorreu para ouví-lo na tarde de 15 do corrente.

Miecio Horzowsky é um desses artistas que eletrizam pela expontaneidade da interpretação e pela técnica de uma cristalinidade encantadora, cujo "perlé" é notavel.

Utilizando com facilidade esses predicados Horzowsky executou de modo sensato uma Sonata, de Beethoven, com singelo lirismo, várias obras de Chopin. Horzowsky é um mestre consumado e sua arte é irrepreensivel porque independe de quaisquer outro influxo a não ser o seu próprio, de todo íntimo.

O público não negou aplausos ao eminente artista, do qual exigiu diversos extras.

(Continua na pág. 23)

● Ao contrário da crença geral, a música da "Internacional", o hino dos comunistas, não foi composta por um russo, mas sim por um francês, Eugene Pottier, que por sinal abjurou o comunismo.

Clima de campo ou de montanha,
em plena Capital e com todo o
conforto das grandes cidades, só no
Jardim - América
ou no
Pacaembú

Indicador Profissional

A EXPOSIÇÃO DAS "MAQUETES"

Na praça Ramos de Azevedo acha se franqueada ao público a exposição das "maquetes" participantes ao concurso para a ereção de um monumento equestre ao Duque de Caxias.

Vinte projetos estão despertando os mais animados comentários nos inúmeros visitantes, porém, a nosso ver, há dois projetos que se impõem como trabalhos de grande vulto, pertencentes a artistas de escol. — O monumento, a ser erigido no Largo Paisandú, apresenta sérias dificuldades pela configuração da praça, obrigando os artistas concorrentes à severa procura de uma solução arquitetônica satisfatória.

Depois de efetuado o julgamento, analizaremos com vagar os principais trabalhos expostos, externando nossa opinião a respeito, coisa que deixamos de fazer desta vez, por razões obvias.

MARIA ELISABETH WREDE

No catálogo desta exposição lemos, de Paul Valery — "La plus grande liberté nait de la plus grande rigueur".

Que M. E. Wrede submeta os seus invulgares dotes de habil desenhista a um dos mais intransigentes, é coisa reconhecida por qualquer visitante da Galeria Superior de "Casa e Jardim".

Nos seus retratos, os cabelos são desenhados e sombreados com a mesma atenção dispensada a outros elementos de capital importancia expressiva, enquanto, um colar ou qualquer outro elemento acidental não escapam à febre analizadora da artista.

Parece-nos, porém, que tudo isso nada tem de "livre", tecnicamente falando. — "Livres", a nosso ver, e sem a menor intenção de estabelecer um paralelo, podem ser considerados os "gouaches" de um De Fiori, ou mesmo suas telas. — O aforismo do Snr. Paul Valery não deixa de ser, portanto, uma brilhante expressão literária... e nada mais.

Afinal, livre ou menos livre, a arte deve ser, antes de mais nada, a manifestação sincera de um temperamento. — Ve-se logo que o temperamento de M. E. Wrebe não é dado a divagações modernistas, mantendo-se fiel a umas tantas regras básicas que estabelecem um parentesco evidente entre todos os retratos expostos. — A perfeição do desenho, a rigidez do traço e a constante preocupação realistica, na maioria dos casos acabam sacrificando o impeto de uma emoção improvisa e sincera.

As paisagens (muito particularmente um panorama do Rio, e algumas impressões das ruas de Rhodes) deixam a artista mais à vontade, mostrando que seu traço, quando mais despreocupado, sabe adquirir uma força expressiva de rara beleza.

SEPAREMOS O TRIGO DO JOIO

Não há muito tempo referimo-nos nesta mesma secção a certos individuos inescrupulosos, que se dedicam à rendosa indústria da falsificação de obras de pintores mais ou menos prestigiosos no extrangeiro.

'Livio Abramo — Vila do Braz

Copistas habeis, desses que alugam o seu pincel por dez réis de mel coado, prestam-se a executar copias mais ou menos felizes de quadros de autoria de pintores conhecidos no exterior, cópias essas que são vendidas como obras primas originais, por bom preço, a colecionadores ingênuos.

E, quando, mais tarde, o proprietário de um desses quadros "celebres" vai mostrá-lo orgulhosamente a qualquer entendido no assunto, fica sabendo então que fora ludibriado, àdquirindo por elevada quantia uma relez cópia, semelhante a outras muitas existentes no país.

Agora, apareceu uma nova praga: são os pintores que executam seus quadros no atelier, copiando-os de revistas estrangeiras.

Ainda há dias, manuseando um exemplar de "L'Illustration Française" nele deparei com um "cliché" intitulado "Les Voici Au Rivage!". Essa gravura, copiada, figurou ainda recentemente numa exposição realizada nesta capital, na qual havia outras cópias apresentadas como trabalho original executado "in loco".

Esses "pintores" são como certos escultores, que sómente o são nos respectivos cartões de visita, pois assalariam verdadeiros artistas plásticos para executarem obras originais ou plagiadas de monumentos estrangeiros, que os patrões assinam...

De tudo quanto acima foi dito, devemos concluir que é preciso separar o trigo do joio...

E. A.

(Diário Popular de 5-XI-941)

Alberto Nepomuceno

Do "Botucatú-Jornal"
5/10/1941

ALFREDO FRANKLIN DE MATTOS
Catedrático de Música, por Concurso
da Escola Normal Oficial.

No dia 16 dêste mês o Brasil culto homenageará a passagem do 21.º aniversário do falecimento da saudoso maestro brasileiro Alberto Nepomuceno.

Nasceu êsse ilustre artista em Fortaleza, capital do Ceará, a 6 de julho de 1864 e faleceu no Rio de Janeiro a 16 de outubro de 1920.

Espírito finíssimo, coração amoldado às mais acrisoladas virtudes, Nepomuceno foi compositor, pianista, organista e professor dedicado.

Muitas vezes se fez ouvir publicamente como pianista e organista, destacando-se, porém, dentre os grandes músicos nacionais, como um notavel folclorista.

Estudou em Roma com o célebre Eugenio Terziani (pai), discípulo de Mercadante, e com Cesare de Sanctis, professor e compositor, discípulo de Baini, e autor de um Tratado de Harmonia. Na Alemanha estudou Nepomuceno com Heinrich von Herzongenberg, notavel contrapontista e sinfonista, falecido em 1900, com Arno Kleffiel, organista, e com o pianista Ehrlich.

Ainda na Alemanha, o Governo brasileiro nomeou-o catedrático do antigo Instituto Nacional de Música, hoje Escola Nacional de Música da Universidade do Brasil e de cujo estabelecimento foi diretor. Mas, antes de seu regresso à Pátria, êsse nosso patrício seguiu para Paris onde se aperfeiçoou como organista com o famoso Guilmant (Felix Alexandre), falecido em 1911.

Caracter profundamente nacionalista, o maestro Nepomuceno manteve o seu entusiasmo pelas cousas de nossa terra e das suas tradições, porém, êsse seu grande patriotismo lhe acarretou inúmeros dissabores e inimigos. Não obstante a intransigência dos espíritos impatriotas, Nepomuceno prosseguiu na sua afirmativa de que **as músicas brasileiras deveriam ser cantadas com texto em vernáculo,** porque a língua nacional era tão própria quanto as demais néo-latinas então empregadas nos cantos, com visivel descaso para a formação de nossa Pátria.

Compositor fecundo e inspirado, escreveu "**Abul**", ação lendária em 3 atos e 4 quadros; "**Artémis**", episódio lírico em um ato, letra de Coelho Neto. SÉRIE BRASILEIRA: "**Alvorada na Serra**", "**Intermédio**", "**A sésta**", "**Na rêde**", "**Batuque**". — CANÇÕES: "**As Uyáras**", lenda amazônica sôbre o texto do Dr. Mello Morais Filho; "**Medroso de amor**", "**Madrigal**", "**Coração Triste**", "**Filoméla**". CANÇÕES: 2.º volume: — "**Sonhei**", "**Canção de amor**", "**Xácara**", "**Oração do diabo**", "**O sôno**", "**Dolor Supremus**", "**Soneto**". — Compôs "**O baile na flôr**", "**Coração indeciso**", "**Olha-me?**", etc.

Escreveu ainda, para canto e piano, em francês, "**Le miracle de la semence**", tragi-poema de Jacques d'Avray, pseudónimo do Dr. Freitas Valle; "**Oraison**", "**Les yeux élus**", sôbre a poesia de H. Piazza.

Além de outras músicas para canto e piano, compôs cantos sacros com acompanhamentos de harmonium e órgão; escreveu para

instrumentos de arco e para grande orquestra, destacando-se o magnífico Prelúdio intitulado: **"O Garatuja"**, sobejamente conhecido nos meios sinfônicos.

N. da R. - A Escola de Aplicação, de Botucatú, dirigida pela Sra. Profra. D. Edith de Oliveira, organisou trabalhos escolares relativos à individualidade de Alberto Nepomuceno, a-fim-de que as crianças pudessem prestar seu culto cívico e artístico a um dos músicos que mais trabalharam pela nacionalização do canto em idioma português. Para êsse fim a Sra. Profra. Aparecida Dias se prontificou a elaborar têses que foram apresentadas, pelas crianças dos terceiros e quartos anos primários, nas aulas de Português a seu cargo naquele curso.

Em proseguimento, realizou-se no anfiteatro da Escola Normal, um festival de arte, durante o qual foram executadas composições do saudoso mestre, cujo retrato ornamentado com flôres e com a bandeira nacional, estava colocado no recinto.

● Recentemente, no Chile um poeta enviou ao diretor de uma revista literária sua obra intitulada "Por que vivo?"; e que o diretor lhe devolveu o manuscrito com esta nota: "O senhor vive porque teve a prudência de me escrever em lugar de vir pessoalmente".

* * *

● Dois sons podem ser produzidos de tal maneira que um neutraliza o outro, dando em resultado o silêncio; e que o mesmo pode acontecer com dois raios de luz, dando em resultado a escuridão.

Microfone

Genésio Pereira Filho

RADIO IDEAL — Está apresentado aos leitores de RESENHA MUSICAL a Emissora Ideal. Uma estação ideal será aquela que apresente certos programas, selecionados entre todos das nossas emissoras. Ainda no presente número a relação sai incompleta. É claro. A escolha é difícil e irá sendo completada aos poucos. Todos os gêneros de programas devem ter guarida na RADIO-IDEAL, desde a música popular até à fina. Peço o auxílio dos leitores de "Microfone", que poderão escrever-me. Cada indicação corresponderá a um voto dado a êsses programas.

7,30 hs. — "Programa Despertador" — locutor: Murilo Antunes Alves — PRA-5.

8,30 hs. — "Programa Paraventi" — locutor: Fauzi Carlos — PRB-6.

9,30 hs. — "Nov'arte" — PRG-9.

10 hs. — "Programa de Arte" — locutor: Rebelo Junior — PRF-3.

10,45 hs. — "Cuba-mania" — PRE-7.

11 hs. — "Danúbio Azul" — locutor: André Vicente Garcia — PRE-7.

11,30 hs. — "Breve e Leve" — locutor: Rebelo Junior — PRF-3.

18 hs. — "Hora de Arte Universal" — locutor: Lourenço Amadeu — PRH-9.

18,45 hs. — "Artistas e Orquestras Célebres" — locutor: Aristides Cerqueira Leite Junior — PRA-5.

22 hs. — "A Música através dos Séculos" (2.as e 5.as feiras) — PRH-3.

22,30 hs. — "Hora Doce" — locutor: Alvise Assunção — PRE-4.

23,30 hs. — "Programa oferecido por Biotônico Fontoura" — PRE-4.

Correio do Rio

EURICO NOGUEIRA FRANÇA
(Especial para "Resenha Musical")

Os últimos concertos realizados no Rio de Janeiro, nesse final de estação, não têm suscitado atividade crítica. O fenômeno é tanto mais digno de nota quando verificamos que as audições se sucedem e que nada menos de três orquestras sinfônicas (alem da "Pró Música" a que já me referí em crônica anterior) procuram despertar, esporádica ou permanentemente, o interesse do público.

Na realidade, a maioria desses concertos sinfônicos não fornece ensinamentos que possam ser aproveitados. A Orquestra Sinfônica Brasileira, por exemplo, que é de função estavel, nos dá comumente execuções pouco trabalhadas, de baixo nivel artístico e que mais se assemelham a uma simples leitura. Radiofonicamente, então, a O. S. B. torna-se um campo experimental de regência, não raro funesto, onde atua, entre outros, o sr. Eleazar de Carvalho, às voltas com a Sinfonia "Pastoral", ou quejandos monumentos sinfônicos. Eu pediria a essa orquestra as simples virtudes humanas da musicalidade e do labor silencencioso. Mas o que existe de fato na O. S. B. é apenas a entidade, que precisa sobreviver, a todo o custo. Os músicos não cantam. E a música, portanto, ainda menos.

Enquanto isso, a Orquestra do Teatro Municipal, a quem compete a Temporada Lírica, apresentou-se, ultimamente, como orquestra sinfônica, sob a regência de Spedini. A O. S. B. havia contratado o grande pianista Miecio Horzowski para tocar o **Concerto** em si bemol, de Beethoven, denominado "Imperador". Na semana seguinte a Orquestra do Teatro Municipal apresentou a extraordinária pianista Maryla Jonas, a qual executou, ainda de Beethoven, o **Concerto** n.º 1, em dó maior. Essa orquestra do nosso principal teatro lucrou, extraordinariamente, com a presença insigne do Maestro Alberto Wolff, no comêço do ano, realizando uma pequena série de concertos sinfônicos e dirigindo-a, tambem, em algumas récitas, durante a temporada lírica.

Outra orquestra que ainda cumpre referir é a intermitente "Sociedade de Concertos Sinfônicos do Rio de Janeiro", cuja denominação possue valor histórico e batizava a tradicional entidade do Maestro Francisco Braga, já desaparecida, no entanto, havia anos. Não há muito retornou à existência e assim se explica que a novel orquestra, através de apresentações tão intervaladas, possa ter realizado os seus 204.º concertos. Estes se verificaram sob a regência do sr. Carlos de Almeida mas, se a orquestra conseguiu revivescência, os autores apresentados (Mozart e Beethoven) não tiveram, infelizmente, a mesma sorte. Ainda aquí, não um, mas dois pianistas, Mário de Azevedo e Arnaldo Rebelo é que recolheram a maior parte dos sufrágios da platéia, executando, com a orquestra, no 204.º concerto, em primeira audição, o "Carnaval dos Animais", de Saint-Saenz. Trata-se de obra infinitamente graciosa — sonora Arca de Noé, onde são retratados, juntos aos outros bichos, os próprios pianistas, mas bisonhos ainda, na fase inicial dos exercícios técnicos. A brincadeira de

Saint-Saenz, que integra esses deliciosos quadros sinfônicos, não possue, aliás, cunho satírico e é pura efervescência do "Champagne".

A Sociedade Pró Música, cuja existência foi esboçada, ligeiramente, no último "Correio", não se pode abalançar, por outro lado, às grandes realizações sinfônicas. É uma pequena orquestra, com algo de amadorismo em sua estrutura. Mas dispõe de arcos excelentes e lucrará, por isso, em se definir, de maneira definitiva, como orquestra de câmera.

A mesma Pró Música ofereceu, aos seus associados, no mês de novembro, um concerto de dezesseis violoncelos, dedicado a Bach e Villa Lobos, que merece registo particular. Constaram, do programa, transcrições do "Clavecin bien temperée", de Bach, e as "Bachianas Brasileiras", n.º 1, de Villa Lobos.

Será essa primeira "Bachiana" uma das mais belas obras até hoje já escritas por um músico brasileiro. Na multiplicidade dos seus planos canóros e na força expressiva dos acentos se expandem a sentimentalidade e o instinto raciais. Compõe-se de três partes: — Introdução (embolada), Prelúdio (modinha), e Fuga (conversa). A Embolada e a Modinha são dois grandes acertos da música artística brasileira, no que se refere à forma, ao caudal melôdico e ao ambiente contrapontístico. E, na Fuga, Villa Lobos procura deliberadamente a universalização, através dum molde que diríamos acadêmico, se ele não o manejasse, entretanto, com inteira liberdade. Em sua execução recente, como na primeira audição, há três anos, que tambem se verificou na "Pró Música", tomaram parte Alfredo Gomes, Iberê Gomes Grosso, Nelson Cintra, Newton Padua, e outros artistas. O Maestro Guarnieri, obra neste último concerto. Naquela época — 1938 — a obra foi dirigida pelo próque é o violoncelista, foi quem regeu a prio autor e se achava escrita, então, para oito violoncelos.

LENE WEILLER BRUCH E HANS BRUCH

(Conclusão da pág. 14).

A Sociedade Filarmônica a cuja atividade musical, São Paulo deve boa soma de realizações artísticas valiosas, apresentou a 17 do corrente, os brilhantes pianistas Lene Weiller Bruch e Hans Bruch.

Não é a primeira vez que esses artistas se apresentam ao nosso público em execuções a dois pianos, razão porque muito interesse causou este novo recital. Lene e Hans Bruch quasi que, já se identificaram nessa dificil arte de conjunto, quasi que se aperfeiçoaram. O "quasi" é como que uma infalivel e imprescindivel palavra ao que falta alguma cousa. E precisamente neste caso, faltou mais unidade, precisão rítmica, principalmente demonstrado nos ataques de acórdes. Foi este fator que prejudicou em parte a audição de Max Reger. Mas esse detalhe não tirou a magnifica impressão da execução integral do programa muito bem organizado.

A Lenda Sertaneja, n.º 7, de Mignone, e a Suite em do maior, n.º 2 e opus 17, de Rachmaninoff foram as peças que evidenciaram maior compreensão pianistica desses dois ilustres pianistas. Os solos executados pelo sr. Hans Bruch, todos escolhidos dentre as valiosas páginas de Debussy, patentearam mais uma vez a sua compleição pianística.

— A Filarmônica apresentará a 26 do corrente o grande pianista Heinz Jolles, no Teatro Municipal.

● Mr. Nicholson, engenhoso papai norte-americano, inventou para seu bebê um berço-balanço ao qual adaptou uma caixinha-de-música; e que, quando "baby" Nicholson está inquieto e sacode o berço, automaticamente funciona o aparelho musical, ouvindo-se então uma canção embaladora que não demora a adormecer a criança.

O Fabulista da Téla

Reportagem de GENESIO PEREIRA FILHO

I

Fuga dos idolos — Um tabú desfeito — Sosinho, Walt Disney é qualquer coisa sem alma — O papagaio foi contratado e brigará muito com o Pato Donald — Um dedo de prosa com o creador de Mickey Mouse.

How do you do Mr. Disney! — Afinal entrou Walt Disney, sob uma salva de palmas. Meus olhos caíram sôbre êle, um típo simples, risonho, nem rapaz nem velho. Deixou de ser um tabú para meus olhos, os mesmos olhos que se têm encantado com os seus desenhos e que, nesse momento, fixava o grande artista.

Eu sempre preferi fugir ao conhecimento pessoal daqueles a quem admiro. Prefiro têlos na imaginação, numa imagem decorrente das fotografias ou, se o meu admirado é de cinema, não possuí-lo a não ser como o vejo na tela. Não sei explicar a mim mesmo a razão disso. Talvês temôr de uma desilusão, ou medo de que se despedace a estátua marmórea que cada um tem em mim.

E o interessante é dizer que, na maior parte dos conhecimentos pessoais que tenho tido, os apresentados foram além do desejado e de muitos sou hoje amigo. Entretanto, o lado negativo exerce maior influência sôbre o espírito humano, assim como mais facilmente nos tomamos de um máu vício do que de um bom. E a desilusão que alguns ídolos me pregaram, talvês seja a culpada do que hoje se passa comigo.

Quando alguem entra na admiração da gente — todo fan estará comigo — fica como que envolto numa névoa de divindade. Damos-lhe uma perfeição que só Deus teria. E Deus é invisivel. Ora, como nosso deus, esse

Dr. Fernando Costa, DD. Interventor Federal de São Paulo, assiste a "première" de FANTASIA.

Chegada de Walt Disney a São Paulo.

alguem também deveria esquivar-se a qualquer apresentação aos seus admiradores. Em algumas vezes a pessôa "que pensa", "que age", "que conversa", é a que nos desilude. Noutras é a pessôa física a que não corresponde ao nosso desejo.

Ora — naquela tarde de 26 de agosto, num "cocktail" à imprensa paulistana, no Esplanada — Walt Disney, que encheu muitas horas da minha meninice com as aventuras de Mickey Mouse, de Pluto, da vaca e do cavalo, que "O Tico-Tico" publicava semanalmente; o Walt Disney que me cativou, já na minha mocidade, com "Branca de Neve e os Sete Anões", com "Pinóquio" e muitos outros desenhos, — naquela tarde de 26 de agosto deste ano, êle surgiu diante de mim como um homem comum; um homem de carne e osso, sorridente e cordial.

Como faria qualquer homem que me apresentassem, apertei-lhe a mão; e como procederia com qualquer americano, disse-lhe: "How do you do?"

E Walt Disney sosinho é qualquer coisa sem alma; quando êle surge, a gente espera — quasi chega a vêr — que logo depois venham a chamá-lo, a pular-lhe nos ombros, a segurar-lhe nas mãos, Mickey Mouse, Pluto, o Pato Donald... E como muitas vezes não se acredita na morte de um amigo, também não se quer convencer que Walt Disney nos surja sem Branca de Neve, sem Dunga, sem Pinóquio... E naquela tarde de agosto, atrás do desenhista, do corredor do primeiro andar do Esplanada algumas vozes conhecidas pareciam gritar:

— Mr. Disney! Espera que já vamos!

O papagaio brigará com o Pato Donald

— Walt Disney, rompendo a custo, entre os presentes, um caminho, senta-se e vê-se logo rodeado pelos jornalistas. Êstes, bons porque-meufanistas, perguntam-lhe imediatamente sua impressão sôbre o Brasil.

E a resposta veio, já quasi na boca de todos os visitantes e também quasi adivinhada pelos inquiridores: um país maravilhoso; o Rio de Janeiro encantador pela sua natureza; São Paulo surpreendente pelo seu dinamismo e pelo seu ar já quasi ciclópico. Não foi atôa que Stefan Zweig disse que aqui há arranha-céus como em qualquer grande cidade dos outros continentes.

O Brasil, pela sua fauna, pela flora, pelo conjunto lendario, pela natureza, etc., ser-lhe-á uma grande fonte de inspiração.

E o papagaio, famoso há muito entre nós, foi apresentado a Disney. Contaram-lhe quasi todas as piadas que correm por ai sôbre o "bichinho". (Imagine-se o que lhe narraram...). E o resultado é que o papagaio está contratado pela R.K.O., para os desenhos de Walt.

A uma pergunta respondeu o famoso desenhista:

— Em muitas piadas o papagaio é filósofo. Mas êle vai brigar com o Pato Donald, os dois hão de lutar muito... E o papagaio será mais inteligente. Ambos são excessivamente palradores; nas brigas tudo se arranjará entre êles, diz o desenhista sorrindo.

(Mas um jornalista intervem: — Ah! O "bichinho" há de vencer sempre...).

Disney afirma:

— Os desenhos do papagaio serão gravados em português, com legendas em inglês para os países anglo-saxões. Talvês grave copias em inglês. Neste caso, o papagaio falará inglês...

O creador de Pluto diz ainda ter apreciado muito a música brasileira e que levaria para a América do Norte uma bôa seleção.

(Continúa)

A mulher e a Arte

Alfredo Pimenta
— Lisbôa —

Falar sôbre a mulher em geral é tarefa que exige as delicadezas, os cuidados, as subtilezas elegantes que deve quando se trata um assunto relicado, milindroso e sutil. Não póde deixar-se aos acasos caprichos da improvisação, ainda que a confiança que esta nos mereça seja infinita. A mulher não se trata de improviso, na inconciência do entusiasmo, no fogo ardente de uma inspiração de instinto, expontânea e irrefletida. Não! A mulher trata-se com carinhos estudados e leves, com atenções calmas e concientes, com a atenção religiosa com que se cuida a graça de uma flor e o encanto de um perfume. A mulher é uma obra de Arte. Quem a creou, quem a imaginou, quem a realizou, pôs na sua canceira a máxima divinisação do sonho, o mais espiritual requinte da inspiração. Na graça ondulosa das suas linhas, no mistério perfeito da sua sensibilidade; na divina sedução dos seus caprichos; na singularidade excepcional do seu poder; na invencivel força das suas lágrimas e no **coquettismo** maravilhoso do seu sorriso, quem a creou, quem a concebeu quem a realizou, fundiu todos os recursos da Beleza, todos os encantos da Graça, todos os mimos da Elegância, todas as espirituais **nuances** da Côr, todas as evocativas sugestões do Som, todas as dominadoras ondulações da Forma — e fê-la, obra de Arte suprema — Madona de Altar, Princesa da Côrte, prendendo-nos pela ternura do seu misticismo, ou cativando-nos pelo explendor da sua grandeza...

Como discorrer, pois, sôbre a mulher em geral, de improviso, à mercê da idéia que provoca a idéia, da palavra que sugere a palavra? Fazê-lo seria correr o risco de quebrar nos meus dedos que se adormecem, enlevados e voluptosos, ao beijarem a pela fina e fria do mármore, — seria correr o risco, repito, de quebrar nos meus dedos a pequenina estátua tanagrica, ou manchar com o som perdido da minha voz a dolência enternecedora da canção viva que é a mulher.

E si formos a tratar da mulher na Arte, a necessidade do cuidado é maior ainda, porque se a mulher é uma obra de Arte, a mulher artista é um sonho de Deus...

Falar da mulher artista, da mulher na Arte, impõe a mesma excepcional delicadeza com que tomamos nas mãos o exemplar único de um cristal lavrado, o exemplar único de cristal de maravilha, que pode muito bem ser aquela taça da Foscarina de D'Annunzio, a qual era tão bela, que ninguem podia dizer a sua beleza, "nem numa palavra, nem em mil palavras".

Ante a beleza, só sei dizer: "é belo!" — Ante a beleza, não improviso: admiro, adoro, sinto.

E pouco a pouco, no silêncio concentrado da minha admiração, vou juntando as palavras exteriorizadoras das minhas impressões, emendando, aperfeiçoando o meu labor, para que a obra representativa das minhas emoções saia, se não digna da obra amada, ao menos digna do amor com que a amei.

Falar improvisadamente da mulher na Arte é um sacrilégio, ou uma insensatez. Da mu-

lher na Arte, fala-se com emoção e doçura, com enternecimento e carinho...

Porque é juntar as duas únicas cousas que justificam a vida, com os seus sacrifcios e as suas dores, as suas desgraças e as suas desilussões, os seus calvários e as suas cruzes, os seus infernos e as suas políticas: a mulher e a Arte. A mulher é a Arte feita vida; a Arte é a mulher feita Beleza. Ambas do sexo feminino, porque são sinónimos perfeitos da mesma idéia. Juntar a Arte e a Mulher é formular o motivo de um poema, é erguer o espírito às alturas máximas da Beleza, onde só as águias pairam, cheias de majestade e orgùlho. Falar da mulher na Arte é entrar, de coração humilde e olhar humilde, na grande Catedral do Encanto, e, humildemente, ajoelhar ante aquela figura de sonho que nos perturba — e que tanto pode ser a Isolda de Wagner, bebendo o filtro diabólico do Amor, ou morrendo, entre soluços e flores, na saudade mística de Tristão — como a Salomé de Moreu, desfazendo-se em pedrarias líquidas, ou desmaiando na agonia mórbida da sua dansa perfumada...

A Arte e a Mulher são as únicas cousas, teimo em dizê-lo, porque a vida vale a pena ser vivida... Nelas residem a Ilusão e a Esperança, o Est'mulo e o Prêmio.

A Ilusão é o **décor** da vida; é o seu adorno, é o seu embelezamento. É a paizagem dos Poetas, dos Herois e dos Santos.

A Esperança, filha predileta da Ilusão, é a eterna miragem da Mocidade, o eterno consolo da Velhice.

O Estímulo é a alavanca poderosa de todas as energias, a alma de todas as reações.

O Prêmio é a lágrima que acarinha, o beijo que comove...

Filhas do mesmo divino amor, a Mulher e a Arte sempre andaram juntas, porque sempre os dedos da mulher foram finos e débeis para tecerem a graça das rendas, e sempre a Arte foi sedutora e tentadora para vencer a mulher, ou dando elegância à linha do seu vestuário, ou, feita colar, abraçando-lhe o colo, ou espalhada em aneis, vestindo-lhe os dedos... Eva, pecando, sacrificou à Arte, porque se deixou levar pela harmonia languida da serpente, e se deixou dominar pela côr rosada da maçã primeira.

E se o seu pecado póde confrager-nos pelas laboriosas que nos impôs, não pode deixar de ser exalçado, pelo **quantum** de encantamento, de sonho, de beleza, de harmonia, que a par disso nos trouxe.

Perdoemos-lhe o mal que nos pròvocou, pela graça que nos ofereceu!...

E que, em todos os tempos, a Arte e a mulher andaram juntas e servindo-se mutuamente, ninguem o ignora — quem não ignora a evolução da Arte e a evolução do espírito da mulher.

A Arte grega quer simbolizar nas linhas corretas de uma Forma impecavel a sua concepção suprema de beleza, e encontra na Venus de Milo a sua singular encarnação. A

Renascença deseja fixar na côr a característica especial das suas emoções, e pinta a Primavera florentina de Botticelli — o sobrepintor, e eterniza-se no mistério eterno do sorriso impertinente da **Gioconda** de Da Vinci.

A série das **Virgens** da Rafael é um hino augusto à mulher. E a **Piedade** de Miguel Angelo é a síntese de todas as dores...

Na decadência italiana, é a Santa Cecília, fazendo cantar e rezar sob os seus dedos magros e curvos, as teclas pálidas do órgão, que Carlo Dolci vai buscar o motivo superior da sua arte e a razão da sua existência na nossa memória. Nas **Virgens** de Murillo, nas **Majas** de Goya, a Espanha sacrifica à Beleza, deixando na tela a recordação viva dá sua alma e dos seus nervos... E o Greco que nas figuras adoráveis do **Enterro do Conde de Orgaz** ultrapassara o gosto do seu tempo, não se deu por satisfeito em quanto não transmitiu vida à **Dama da Flôr**, de olhos tristes e mento fino...

Watteau fica pelas suas marquezas-pastoras; Boucher encanta os meus olhos pelo adormecedor encanto dos seus **Les Baigneuses**; e Fragonard pela "**gavrocherie**" das suas donzelas. Quem não conhece a **Rapariga** de Greuze ou **Mme. Récamier**, de David? À **Venus de Milo**, da Grecia, correspondeu o **Nascimento de Venus** de Cabanel.

Depois, vem os do nosso tempo: e é Puvis de Chavannes com sua **Santa Genoveva**, figura de sonho, transparente como um sonho, fluida como uma sombra; e é Moreau e a sua **Salomé**, tentadora e soberana nas sua tentação, maravilhosa no seu luxo, ardentemente voluptuosa quando através a estética de Wilde, quasi bárbara e diabólica, quando se dilúe na orquestração de Richard Strauss.

São os perfís e místicos de Rossetti, e os símbolos femininos de Wats.

É a **Joanna d'Arc** de Chapu, e a feminilidade comovedora do **Baiser** de Rodin...

Sempre a mulher!...

E se eu quizesse falar das mulheres na Arte — como teria de empregar muito tempo e muito espaço para não esquecer todas as que à Arte deram o cuidado do seu espírito, a leveza das suas maneiras, o ondulante desenho do seu corpo, ou o aplauso delicado do seu gosto. Quantas teria de citar, desde essa minha querida Isabela de Este que passou no mundo, antes de mim, sem a esperança enganadora das ilusões, e sem o medo deprímente das suas máguas, até essa nunca demais exalçada Mme. de Pompadour, ou à nossa Duquela de Palmela que foi, numa época sáfara, de baixesas e ignomínias, estrela de ouro, perdida e rara.

Sempre a Mulher andou aliada à Arte, e por isso na Arte contemporânea ela ocupa primaciais lugares, e superiormente se mantem, digna da nossa admiração e do nosso culto.

VARIAS...

SOCIEDADE HARMONIA LÍRA, DE JOINVILE

Esta importante sociedade, que mantem sob seus auspícios uma das poucas orquestras sinfônicas do país, realizou em comemoração à data da Proclamação da República, o concerto inaugural da nova fase artística, sob a direção do conceituado e jovem mestre, Maestro João Kaszás, cujo talento e valor, muito contribuirá para o desenvolvimento da arte musical naquele importante Estado da Federação. Do programa: Hino Nacional; Giulini, Sinfonia em fá; Artur Pereira, Canção de Ninar; Haydn, Sinfonia em ré.

EURICO A. COSTA

Esse conceituado violoncelista brasileiro, realizou á 14 de novembro, na Escola Nacional de Música, o seu 17.º recital, acompanhado ao piano pela sra. prof. Eurico Costa.

"COCKTAIL" À IMPRENSA

A ilustre pintora Maria Elizabeth Wrede, ofereceu a 13 de novembro, no recinto de sua exposição, um "cocktail" à imprensa paulistana, tendo comparecido numerosos jornalistas e artistas. Representou RESENHA MUSICAL, neste áto, o seu Diretor, sr. prof. Clovis de Oliveira.

À ESQUERDA, A IMPONENTE SÉDE DA S. HARMONIA LÍRA, DE JOINVILE

— **ARTUR PEREIRA**, nasceu em São Paulo, em 1896. Viveu na Europa em 1910-13 e em 1915-23. Formou-se no curso de composição do "Conservatorio Reale di Napoli". Desde a sua volta da Europa é professor de harmonia e contraponto no "Conservatório Dramático e Musical de São Paulo" Figúra constantemente no repertório dos intérpretes e das orquestras no meio musical brasileiro. Entre as suas numerosas composições destacam-se: canções (com acompanhamento de piano e orquestral), corais, uma ópera inacabada, Sonata para violino e piano, Estudos Brasileiros (para piano), Dansa Brasileira, Interludio para um bailado infantil (para orquestra), adatação orquestral das Sonatas-Scarlattianas, etc...

É o autor do 1.º Estudo Brasileiro, para piano, e das peças corais: Cabocla Bonita e Capim na lagôa, todas publicadas no Suplemento de RESENHA MUSICAL, com grande sucésso.

HOMENAGEM

A 7 do corrente foi oferecido na "Diana", à estimada professora Gioconda Peluso, por suas alunas, um chá, em regosijo pela passagem de seu aniversario natalicio.

ALEXANDRE AFIPOGUENOV

Por ocasião de um dos recentes bombardeios alemães contra Moscou, morreu esse conhecido teatrologo russo, com 41 anos de idade, famoso pelas suas peças "Cedo", "Fáto Exquisito", "Mechesca", "Ponto longinquo", e outras.

SOCIEDADE FRANCANA DE BÉLAS ARTES

Essa importante sociedade da culta cidade de Franca, movimenta-se ativamente no preparo do II Salão de Bélas Artes, que deverá inaugurar-se em 28 de Dezembro vindouro.

AUDIÇÃO MUSICAL

Realizou-se no dia 31 de outubro p., em Lins (Estado de São Paulo), uma audição musical dos alunos da conhecida e competente professora Fortunata C. Morato de Almeida.

HEINZ JOLLES

Esteve em visita à Redação de RESENHA MUSICAL, o grande pianista Heinz Jolles, diretor de "La Sonate", de Paris, solista dos Grandes Concertos Internacionais, atualmente em "tournée" pela América do Sul, tendo lavrado no livro especial de visitas, o seguinte termo: "Quelle joie de rencontrer un musicien, un ami, un artiste tel que le professeur Clovis de Oliveira. Merci-Obrigado!" (a) Heinz Jolles — 13-XI-1941.

ADOLFO TABACOW

Esse aplaudido "virtuose" do piano, realizou em Curitiba, Paraná, tres concertos com feliz sucésso.

MARILA JONAS

Promovido pela eminente pianista polonesa Marila Jonas, realizar-se-á no Rio de Janeiro, no 1.º trimestre de 1942, um grande concurso pianístico, no qual deverão participar os mais destacados pianistas brasileiros.

DR. CARLOS DA SILVEIRA

O nosso brilhante colaborador, dr. Carlos da Silveira, ilustre membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, esteve em visita a esta Redação, onde após palestrar com os diretores de RESENHA MUSICAL, deixou no livro de visitas, estas palavras de apoio e incentivo: "A RESENHA MUSICAL representa um esforço muito simpático, merecedor de toda a cooperação possivel. Assim, pois, formulo para a interessante publicação os meus melhores votos. Parabens a Clovis de Oliveira e a sua dedicada colaboradora, d. Ondina, aos quais felicito sinceramente." S. Paulo, 11-XI-1941 (a) Carlos da Silveira.

MARCELLO TUPINAMBÁ

De Curitiba, onde realizou um notavel concerto de suas canções, regressou o ilustre compositor Marcello Tupinambá, tendo visitado a Redação de RESENHA MUSICAL, onde com palavras eloquentes se referiu ao progresso artístico de Curitiba, onde foi encontrar elementos de grande valôr nas artes; usando sua própria expressão, "Curitiba é um ninho de arte, onde florescem artistas." Convidado a deixar suas impressões sôbre esta Revista, deixou S. S., no livro de visitas, algumas frases que bem denota o apreço em que tem a RESENHA MUSICAL: "A RESENHA MUSICAL é um dos únicos centros onde se divulga e se trabalha no sentido de engrandecer a arte musical do Brasil." (a) Marcello Tupinambá — 4-XI-1941.

NOTÍCIAS DO MÉXICO

Realizaram concertos na Capital do grande país amigo, o pianista francês Roberto Casadesus; o violinista Joseph Szgeti; Maria Tereza e Maria Antonieta Valázquez, dois pianos e orquestra, regendo o Maestro José F. Velázquez; Instituto Musical "Antonio Gomezanda", em homenagem a Paderewski; Academia João Sebastião Bach; pianista Susana Chaûvet; Ateneo Musical Mexicano, apresentando dentre outras obras, a "Sonata Fantasia", para piano e violino, de Hugo Conzati — "Suite Impresiones", do jovem compositor Miguel C. Meza; ainda pelo Ateneo Musical Mexicano, um concerto dedicado à memoria do compositor Gustavo E. Campa.

Agostino Cantú

REVISÕES DE PEÇAS PARA PIANO

FRANZ PETER SCHUBERT
(Lichtenthal, 1797 — Vienna, 1828)

JOHANNES BRAHMS
(Amburgo, 1833 — Vienna, 1897)

Valsas op. 9 n. 1, 2, 3 — Dansa hungara n. 5 —
Valsas op. 39

EDIÇÕES

I. M. L.

S. PAULO

EDIÇÕES

I. M. L.

S. PAULO

J. SEBASTIAN BACH
(Eisenac,, 1685 — Lipsia, 1750)

O Pequeno Livro de Ana Madalena Bach